



Etnografia arquitetônica e fotografia de autor: da materialidade da arquitetura ao significado do espaço habitado em Illescas (Toledo, Espanha)

Architectural ethnography and authorial photography: from the materiality of architecture to the meaning of inhabited space in Illescas (Toledo, Spain)

Pedro Palleiro Sánchez¹

Resumo

A pesquisa examina a etnografia arquitetônica como metodologia de abordagem do fato arquitetônico a partir de uma perspectiva que articula observação, representação visual e interpretação cultural. A fotografia de autor é proposta como ferramenta crítica e reflexiva, capaz de transcender o registro documental para interpretar, questionar e ressignificar o espaço habitado. Com base no estudo de edificações populares em Illescas (Toledo, Espanha), nas quais convergem passado e presente, materialidade e significado, localidade e globalidade, propõe-se uma leitura do habitar como experiência dinâmica na qual memória, identidade e transformação urbana se entrelaçam, revelando as tensões que configuram a experiência contemporânea do espaço construído.

Palavras-chave: Etnografia Arquitetônica; Fotografia de Autor; Espaço Urbano; Metodologia Interdisciplinar.

¹ Doutor em Educação pela Universidad Complutense de Madrid, UCM, Espanha. E-mail: pedro.palleiro@gmail.com

Abstract

The research examines architectural ethnography as a methodology for approaching the architectural fact from a perspective that articulates observation, visual representation and cultural interpretation. Authorial photography is proposed as a critical and reflexive tool capable of going beyond documentary recording to interpret, question and re-signify inhabited space. Based on the study of ordinary buildings in Illescas (Toledo, Spain), where past and present, materiality and meaning, locality and globality converge, it proposes a reading of dwelling as a dynamic experience in which memory, identity and urban transformation intertwine, revealing the tensions that shape the contemporary experience of built space.

Keywords: Architectural Ethnography; Authorial Photography; Urban Space; Interdisciplinary Methodology.

1. INTRODUÇÃO

Como observam Amerlinck e Bontempo (1994, p. 27), a antropologia se constitui como o estudo do “estranho, o distinto, às vezes distante, mas sempre outro”. Nesse horizonte, a etnografia permite compreender a alteridade e, ao mesmo tempo, explicitar as condições a partir das quais o pesquisador, esse estrangeiro que mesmo estando aqui, “não pertence ao aqui, mas a algum lá” (DELGADO, 1994, p. 114), constrói seu olhar. Essa tensão entre identidade e diferença orienta igualmente a etnografia arquitetônica, voltada a investigar como os espaços habitados são percebidos, vividos e dotados de sentido por aqueles que os ocupam.

A caminhada (CARERI, 2014; CERTEAU, 2000; THOREAU, 1998) e a observação etnográfica compartilham uma mesma atenção ao território, entendido como uma trama de relações de poder, pertencimento e apropriação entre espaço e sujeitos (MONTAÑEZ, 2001). Mais do que uma realidade objetiva, o território constitui uma estrutura densamente significativa (GARCÍA, 1976), cujas dinâmicas sociais, apropriações simbólicas e experiências sensoriais emergem do contato entre corpo e ambiente (INGOLD, 2012). Nesse contexto, a fotografia integra-se ao olhar etnográfico

não apenas como registro da forma arquitetônica, mas como instrumento de interpretação dos usos, gestos e práticas que habitam o espaço (PINK, 2021; ROSE, 2016).

O habitar ocupa um lugar central nessa discussão. Para Heidegger (2015), construir e habitar são inseparáveis: constrói-se para habitar e, ao habitar, atribui-se sentido ao construído. A arquitetura, entendida como prática cultural (ROSSI, 1999), ultrapassa, assim, a mera produção de estruturas para constituir lugares carregados de memória, identidade e experiência (BACHELARD, 2000; NORBERG-SCHULZ, 1980; PALLASMAA, 2022). Nessa perspectiva, o *genius loci* expressa a singularidade do habitar e os vínculos afetivos que se estabelecem entre as pessoas e seu entorno (ÁLVAREZ; BLANCO, 2013; AZÚA, 2002; GRANADOS, 2013).

Ao articular os aspectos materiais da arquitetura com metodologias qualitativas das ciências sociais, a etnografia arquitetônica se consolida como uma abordagem capaz de integrar as dimensões físicas, sociais e simbólicas do espaço construído (ASKLAND et al., 2014; GERONTA, 2024). A pesquisa aqui apresentada insere-se nesse horizonte ao analisar o fato arquitetônico por meio da fotografia de autor, concebida simultaneamente como instrumento de registro e interpretação crítica do espaço habitado.

O estudo se baseia em imagens originais de edificações populares de Illescas, município da província de Toledo (Espanha), nas quais se tornam visíveis tanto as marcas materiais das transformações urbanas contemporâneas quanto a persistência de elementos identitários e modos de habitar que evidenciam um diálogo contínuo entre tradição e modernidade. Nesse sentido, a fotografia de autor busca construir uma forma de olhar capaz de relacionar a materialidade do fato arquitetônico à experiência vivida do espaço construído e às dinâmicas urbanas contemporâneas.

Em síntese, o trabalho procura compreender o habitar a partir da articulação entre fotografia e etnografia, concebendo a imagem fotográfica como uma operação de produção de conhecimento situado sobre as relações entre arquitetura, cultura e experiência. Desse modo, a fotografia ultrapassa a condição de simples registro para produzir deslocamentos perceptivos e cognitivos, tornando visíveis aspectos do

habitar que frequentemente permanecem à margem das narrativas convencionais sobre o urbano. Ao reconfigurar o sensível, a fotografia instaura novas relações entre formas, espaços, temporalidades e corpos, desafiando uma pedagogia do olhar (RANCIÈRE, 2009).

2. MARCO TEÓRICO E ABORDAGEM METODOLÓGICA

A relação entre a cidade e a vida urbana tem sido amplamente discutida pela antropologia, sociologia, geografia e filosofia, interessadas em compreender as múltiplas formas pelas quais os indivíduos produzem, percebem e habitam o espaço (ÁLVAREZ; BLANCO, 2013; ASKLAND et al., 2014; SIGNORELLI, 1999). No âmbito da teoria do espaço, Lefebvre (2013) distinguiu entre espaço percebido, concebido e vivido, enfatizando este último como o domínio da experiência cotidiana, dos afetos e das apropriações simbólicas. Soja (1996) reformula essa tríade ao introduzir a noção de terceiro espaço, entendido como um campo híbrido no qual convergem o material, o imaginado e o socialmente produzido.

Essas perspectivas deslocam a atenção do objeto arquitetônico isolado para os processos pelos quais os espaços são usados, sentidos e ressignificados. Como adverte Rossi (1999, p. 73), o conceito que se pode construir de um fato urbano será sempre distinto do conhecimento de quem o vivência. Nessa direção, Sica (1977) concebe o espaço arquitetônico como uma realidade vivida e subjetivada, que articula memória, identidade e experiência sensorial. A arquitetura e a cidade deixam, assim, de se reduzir a objetos materiais para serem compreendidas como processos culturais e continuidades históricas. As contribuições de Lynch (2008) e os imaginários urbanos de Silva (2006) reforçam essa perspectiva ao mostrar que o entorno é percebido e significado a partir de experiências pessoais e compartilhadas.

Tal abordagem encontra correspondência direta na etnografia arquitetônica, campo que integra a observação etnográfica aos modos de representação próprios da arquitetura (ABÁSULO, 2024; KALPAKCI et al., 2020; MAZUMDAR, 1991). Trata-se de uma metodologia transdisciplinar que articula observação, registro e interpreta-

ção do espaço habitado, entendido como aquele em que é possível identificar-se, orientar-se e reunir-se com os outros (NORBERG-SCHULZ, 1974). Nessa perspectiva, a arquitetura deixa de ser concebida como um produto acabado e passa a ser compreendida como um espaço de interação entre materiais, práticas e afetos (HAMMER-SLEY; ATKINSON, 2019; INGOLD, 2012).

Sob essa perspectiva, a antropologia do espaço oferece uma base conceitual decisiva. Ingold (2012) concebe o ambiente como uma rede de relações em constante evolução, na qual ação humana e espaço se definem mutuamente. Na mesma direção, Stender et al. (2021), Vellinga e Tomasi (2024) e Mazumdar (1991) destacam a importância de articular métodos etnográficos e recursos visuais para compreender como os espaços são vividos, sentidos e apropriados por seus habitantes.

Historicamente, o desenho ocupou lugar central no registro dessas relações (KAIJIMA et al., 2018). A presente investigação propõe, contudo, uma inflexão metodológica ao adotar a fotografia de autor como prática de observação e construção de um olhar sobre o espaço habitado. A câmera é concebida não apenas como um dispositivo de registro, mas como um agente relacional que medeia o encontro com o fato arquitetônico e torna visíveis objetos cotidianos, vestígios de uso, adaptações silenciosas, persistências culturais e transformações que revelam modos de vida. Desse modo, o fato arquitetônico é entendido como uma rede de relações materiais, espaciais e sociais em que se manifestam necessidades, experiências e usos humanos (ROSSI, 1999; ZEVI, 1981).

Assumir essa perspectiva implica reconhecer que o dado visual, como qualquer outro, é produto de um olhar situado. A câmera não substitui o caráter analítico da etnografia arquitetônica; ao contrário, amplia seu repertório expressivo ao incorporar a imagem como forma de pensamento visual (BERGER, 2016). Nesse quadro, a imagem é entendida como uma operação de conhecimento que constrói modos específicos de percepção e compreensão do fato arquitetônico, contribuindo para evidenciar sua complexidade ao aprofundar a compreensão da rede de linguagens e significados que estrutura o espaço construído (GARCÍA, 1976; RAPOPORT, 1990).

No âmbito da antropologia visual, a imagem configura-se, assim, como uma prática relacional de conhecimento, cuja potência reside na construção de um olhar capaz de produzir novas formas de compreender o habitar (RANCIÈRE, 2009).

A produção fotográfica que acompanha este projeto inscreve-se, portanto, em um trabalho de campo visual e situado, no qual a prática do fotógrafo se integra a uma pesquisa de orientação etnográfica. Em razão de sua dupla natureza documental e expressiva (DURAND, 2012), a fotografia atua simultaneamente como registro e construção de sentido sobre o habitar. Sua incorporação dialoga com a evolução dos métodos visuais da antropologia contemporânea (CLIFFORD, 2001; PINK, 2021; ROSE, 2016), que concebem a imagem como uma prática relacional de conhecimento.

Consequentemente, a fotografia atua em dois planos complementares: por um lado, documenta as transformações do espaço; por outro, produz modos de olhar e compreender o habitar, oferecendo uma leitura encarnada da experiência contemporânea. Nesse sentido, a experiência do pesquisador-criador configura-se como uma participação ativa no espaço, na qual observação, reflexão e prática visual se entrelaçam para compreender como os sujeitos habitam, ressignificam e coproduzem o espaço construído (PALLEIRO-SÁNCHEZ, 2025).

Por fim, essa metodologia recoloca o olhar do habitante no centro da interpretação. O relato de Doxiadis (2019, *apud* GERONTA, 2024) sobre a “janela estranha” no Paquistão ilustra com clareza essa perspectiva: situada praticamente ao nível do piso, a posição da janela adquire sentido quando se considera que os habitantes se sentam no chão de suas casas. O que à primeira vista parece uma anomalia arquitetônica revela-se plenamente coerente quando considerado a partir do horizonte cultural de seus usuários. Compreender a arquitetura desde o interior do habitar permite, assim, restituir sua dimensão humana, sensível e relacional, objetivo último de toda investigação em etnografia arquitetônica.

3. DESENVOLVIMENTO: A FOTOGRAFIA COMO APROXIMAÇÃO AO FATO ARQUITETÔNICO

A presente seção aplica o quadro metodológico descrito, combinando a observação etnográfica com a fotografia de autor como ferramentas para analisar o fato arquitetônico. Longe de conceber as edificações como elementos autônomos, independentes do contexto, essa abordagem permite interpretar como os habitantes experimentam, transformam e ressignificam o espaço construído. Ao captar simultaneamente o material e o imaterial, a fotografia amplia o alcance da etnografia arquitetônica, abordando o espaço habitado como uma manifestação viva e dinâmica dos processos sociais e culturais.

Assim, as seis fotografias de autor apresentadas neste projeto não são consideradas meros registros neutros, mas interpretações que emergem do encontro entre pesquisador, espaço e comunidade. Nessa interação, o fotógrafo-etnógrafo atua como um mediador sensível, capaz de traduzir visualmente as relações entre as pessoas e seu ambiente construído. Ao atribuir relevância a determinados elementos do espaço habitado e contribuir para a construção de sentido, a fotografia produz deslocamentos perceptivos que desafiam leituras naturalizadas da arquitetura e da vida urbana. Nesse sentido, sua potência reside na constituição de uma mirada capaz de tensionar percepções cristalizadas sobre o espaço habitado e de produzir narrativas visuais que revelam a complexidade das relações entre arquitetura, experiência e vida urbana.

O estudo do espaço habitado exige, portanto, situá-lo em seu contexto social, cultural e tecnológico. Neste caso, as imagens foram captadas em Illescas, município da província de Toledo, na comunidade autônoma de Castela-La Mancha. A vila constitui um exemplo particularmente pertinente para explorar a relação entre arquitetura, vida cotidiana, identidade e memória coletiva.

A evolução urbana de Illescas, desde os assentamentos pré-históricos até a expansão contemporânea, permite analisar como os modos de habitar, as práticas sociais e as estratégias construtivas configuraram uma paisagem habitada carre-

gada de significado. Os vestígios arqueológicos evidenciam uma ocupação humana que remonta à Pré-História, enquanto as fortificações árabes e a sucessão de jurisdições reais e arcebispaís atestam a relevância estratégica e simbólica que Illescas conservou ao longo dos séculos (ROMO, 1998).

O centro histórico de Illescas conserva uma malha medieval de ruas estreitas e irregulares, entre as quais se destaca a Rua Real, antigo eixo de comunicação entre Toledo e Madrid. Embora em meados do século XIX a vila contasse apenas com algumas centenas de habitações, a chegada da ferrovia em 1876 marcou o início de um desenvolvimento urbano intermitente. Foi no século XX, e especialmente a partir da década de 1960, que Illescas passou a experimentar um crescimento acentuado, impulsionado pela expansão do setor industrial e de serviços. Atualmente, o município atravessa um novo ciclo de expansão, motivado por sua proximidade com Madrid e pela recente revalorização de Toledo como enclave residencial e turístico.

Esse processo histórico deixou marcas tanto no traçado urbano quanto na arquitetura, cujas formas, materiais e espaços permitem ler os gestos e as adaptações de quem habita a vila. A arquitetura vernacular de Illescas caracteriza-se por emergir da tradição construtiva local, baseada no uso de recursos e técnicas do meio e na transmissão de conhecimentos ao longo do tempo. Não obedece tanto a um projeto arquitetônico formal, mas a uma lógica funcional, climática e cultural. Essas construções, profundamente enraizadas na experiência coletiva, constituem exemplos de sustentabilidade e autenticidade, em que a arquitetura é entendida como expressão direta da vida, da identidade e da memória do lugar. Em contraste, as recentes urbanizações periféricas seguem modelos de crescimento suburbano, reflexo das transformações econômicas e demográficas das últimas décadas (GARCÍA, 2019).

Illescas, tal como outras vilas da região de La Sagra, apresenta uma estrutura urbana ordenada e funcional. A igreja paroquial funciona como marco visual e centro simbólico da vila. Em torno de suas praças e ruas principais distribuem-se os elementos monumentais, entre os quais se destacam a Igreja de Santa Maria, erguida entre o final do século XII e o início do XIII, e o Hospital-Santuário de Nossa Senhora

da Caridade, que conserva cinco obras de El Greco realizadas por volta de 1603. Em seu entorno erguem-se as grandes casas, com paredes caiadas, portas afastadas entre si e poucas aberturas para a rua. As habitações mais modestas, por sua vez, agrupam-se de forma compacta, definindo um tecido urbano denso e coerente com as condições ambientais.

Diversos estudos históricos e arquitetônicos destacaram a singularidade das casas de La Sagra. Entre eles, Torres-Balbás, em 1933, abordou a habitação popular na Espanha, dedicando especial atenção às casas ilustres da região, como a de Cervantes em Esquivias. García Mercadal, em 1930, incluiu desenhos de edifícios tradicionais de Illescas em *La casa popular en España*. Mais tarde, Martínez-Feduchi, em 1974, e Flores, em 1977, destacaram a especificidade da casa sagraña no contexto da Mancha. Por sua vez, Sánchez-Horneros, em 1981, fez referências a La Sagra em seu estudo sobre a arquitetura popular de Toledo. Todos esses autores são citados por García (2019) em sua revisão sobre a habitação tradicional sagraña.

Embora Illescas conserve exemplos notáveis de arquitetura monumental, a habitação popular permanece intimamente ligada ao território e aos modos tradicionais de habitar o espaço, evidenciando uma evolução lenta e contínua. Segundo García (2019), as habitações das classes abastadas, geralmente situadas nos arredores da vila, funcionavam como unidades autossuficientes com amplas extensões de terreno, enquanto as casas localizadas nas vias principais assumiam um caráter mais representativo. As habitações mais modestas, por sua vez, organizavam seu espaço em torno de um pátio interno que abrigava dependências auxiliares, como estábulos, galinheiros, almazaras ou adegas, e costumavam dispor de acessos diferenciados para a rua e para o pátio, refletindo, assim, a hierarquia espacial e social própria da vida doméstica na vila.

A configuração geral dessas construções, bem como suas técnicas construtivas, manteve-se relativamente estável até meados do século XX. No entanto, os acabamentos e elementos decorativos, especialmente os revestimentos interiores, foram se adaptando às modas e aos gostos de cada época, sem alterar substancialmente

a lógica tipológica tradicional. Assim, enquanto os edifícios monumentais incorporavam influências externas, a arquitetura popular preservou uma relação direta com o território, evidenciando como as práticas cotidianas e os valores culturais moldam o espaço habitado, onde a dimensão simbólica se entrelaça com a funcionalidade da vida diária.

Nesse marco, as formas arquitetônicas e os modos de habitar não apenas revelam os traços de uma identidade coletiva, mas também suas transformações diante das exigências da vida moderna. As habitações tradicionais de Illescas, assim como as de muitas outras localidades castelhanas, passaram por adaptações progressivas decorrentes das novas demandas técnicas, de conforto e de segurança próprias da contemporaneidade (Figura 1). Elementos alheios à arquitetura original, como aparelhos de ar-condicionado, antenas parabólicas ou câmeras de vigilância, são hoje incorporados às fachadas, modificando sua composição e, por vezes, alterando a leitura das superfícies históricas (GONZÁLEZ; ALONSO, 2019; LÓPEZ, 2012; MORALES; HERRERA, 2023).

Figura 1 – Casa popular com varanda, 2025.



Fonte: elaboração própria.

Para além disso, gestos domésticos cotidianos, como cortinas externas nas portas principais, plantas nos peitoris das janelas ou roupas estendidas em varandas e terraços, introduzem uma dimensão de continuidade: enquanto os elementos tecnológicos expressam modernidade, essas práticas remetem a hábitos enraizados e à vida cotidiana dos habitantes. Essas ações, aparentemente simples, revelam normas sociais, rotinas familiares e formas de apropriação do espaço, constituindo-se como marcas de identidade e memória coletiva.

Para abordar visualmente essas dinâmicas, torna-se necessário um enfoque que combine a observação etnográfica com uma leitura sensível do espaço. Embora a etnografia arquitetônica tenha tradicionalmente recorrido ao desenho como meio de registro e interpretação, este estudo propõe um deslocamento metodológico,

substituindo o desenho pela fotografia de autor, concebida como dispositivo de mediação entre o real e o representado, entre a materialidade do espaço e as práticas sociais que o atravessam. Longe de se limitar à descrição de estruturas concretas, essa abordagem procura captar os processos culturais e simbólicos que configuram o fato arquitetônico.

A partir dessa perspectiva, a fotografia é entendida como meio capaz de revelar uma cadeia aberta de significados (BARTHES, 1986). Essa natureza polissêmica exige a participação ativa do observador, cujo olhar projeta, de forma consciente e inconsciente, seus próprios referentes, experiências e emoções sobre a imagem. É precisamente nesse processo que a fotografia alcança seu maior potencial, ao gerar um impacto profundo na percepção e na interpretação do fato arquitetônico.

A sobreposição entre o novo e o tradicional, o individual e o coletivo, o local e o global transforma as fachadas em cenários simbólicos onde se inscrevem tensões, ajustes e ressignificações. Dessa forma, a fachada deixa de ser um invólucro passivo para se tornar um suporte de negociação entre estética, funcionalidade e significado. Essas transformações revelam como as práticas cotidianas reconfiguram a paisagem doméstica, gerando um diálogo constante entre permanência e mudança, entre a memória do lugar e as exigências da vida moderna (PALLEIRO-SÁNCHEZ, 2025).

Nesse contexto, as cortinas externas (Figura 2) nascem de uma função prática: regular a temperatura, preservar a intimidade e proteger do pó. Com o tempo, essas utilidades foram se carregando de significados simbólicos. Na cultura castelhana, assim como em outras culturas mediterrâneas, a soleira da casa representa a fronteira entre o público e o privado. A cortina, que não fecha nem abre completamente, delimita um “entre”, um espaço intermediário de interação onde se desenvolvem conversas e trocas cotidianas. Pode ainda funcionar como sinal de hospitalidade discreta e, dependendo da estação, apresenta-se em diferentes materiais, ritualizando o cuidado do lar.

Figura 2 – Casa popular com cortina e câmera de vigilância, 2025.



Fonte: elaboração própria.

Paralelamente, a roupa estendida em varandas e terraços (Figura 3) também responde a necessidades funcionais, como secar a roupa e deslocar tarefas domésticas para o exterior, especialmente quando o espaço interior é limitado. No entanto, essas práticas transcendem o utilitário: a roupa revela a presença de um lar ativo e cuidado e, em comunidades pequenas, sua disposição é interpretada como indicador de atividade cotidiana e organização familiar. Além disso, o tipo de roupa, as cores, os tecidos e as formas de exposição comunicam informações sobre a estrutura familiar, ao mesmo tempo que contribuem para a vitalidade visual do espaço público, configurando uma paisagem doméstica que expressa cuidado, identidade e presença humana na vida comunitária.

Figura 3 – Janela aberta com roupa estendida, 2025.



Fonte: elaboração própria.

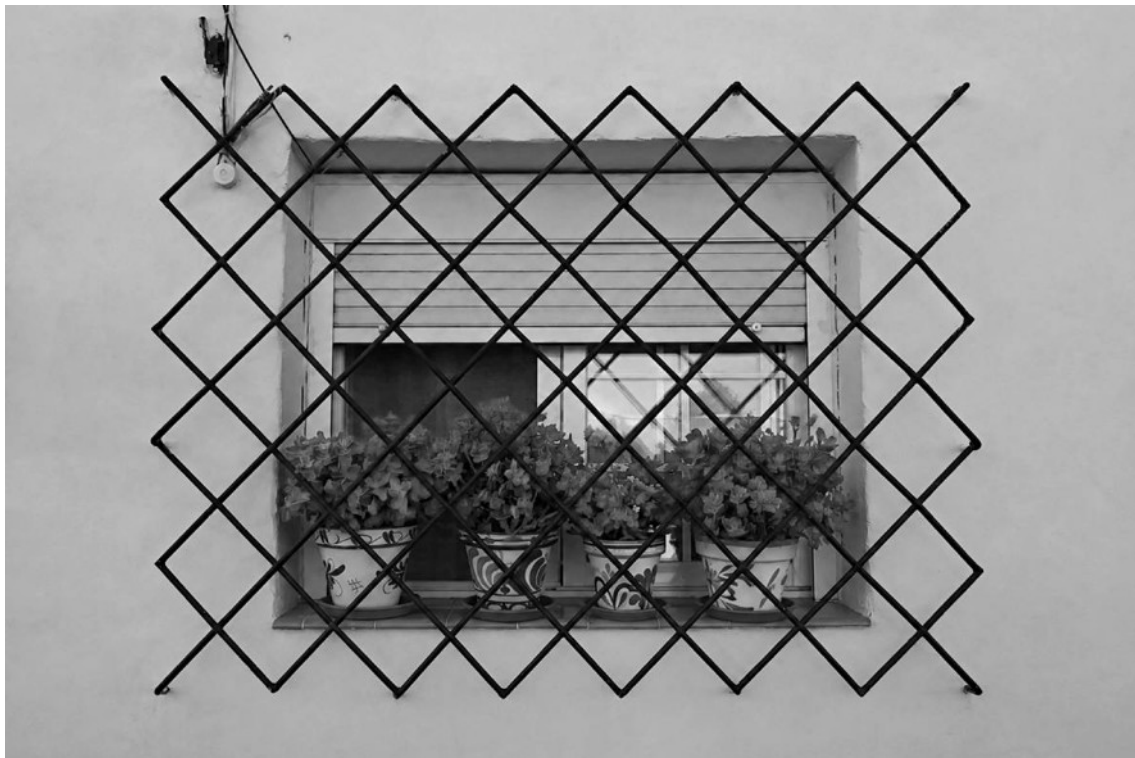
No pátio interior representado na Figura 4, a roupa estendida convive com diversos elementos de uso cotidiano que ocupam de forma permanente esse espaço de uso comum. Varais, tubulações aparentes e recipientes reutilizados configuram uma cena em que as tarefas domésticas e a manutenção do ambiente aparecem estreitamente vinculadas. Longe de constituírem objetos isolados, esses elementos participam de uma mesma lógica de apropriação do espaço, por meio da qual um ambiente essencialmente funcional se transforma em um entorno vivido e progressivamente adaptado às necessidades e práticas de seus habitantes.

Figura 4 – Pátio interno com plantas e roupa, 2025.

Fonte: elaboração própria.

O mesmo ocorre com as plantas nos peitoris das janelas e nos muros. Sua presença responde, em princípio, a uma função ornamental: embelezam a fachada e suavizam a dureza das paredes. No entanto, sua disposição e cuidado transcendem a mera decoração, tornando-se uma forma de expressão tanto pessoal quanto coletiva. Na Figura 5, observa-se uma janela emoldurada por uma grade metálica de desenho geométrico, cuja retícula introduz uma ordem visual rigorosa sobre a superfície lisa e caiada do muro. No peitoril, vasos de cerâmica pintada irrompem nessa composição ortogonal como um contraponto orgânico, aportando cor, textura e vitalidade a uma fachada sóbria. A fotografia revela, assim, como um gesto aparentemente simples condensa múltiplos significados culturais.

Figura 5 – Janela com grade e plantas em vasos, 2025.



Fonte: elaboração própria.

Para além de embelezar a fachada, as plantas expressam formas de enraizamento, cuidado e presença cotidiana, convertendo a superfície arquitetônica em um suporte no qual se inscrevem a identidade doméstica e a memória do lugar. Em muitos casos, esses elementos vegetais funcionam como extensões simbólicas do interior, projetando para o exterior valores de enraizamento, ordem, sensibilidade estética e respeito pela natureza, ao mesmo tempo em que evocam a necessidade de manter um vínculo equilibrado entre arquitetura e meio ambiente (Figura 6). Paralelamente, acrescentam um componente de vida e temporalidade à fachada, variável segundo as estações, os ciclos de floração e os ritmos cotidianos de cuidado.

Figura 6 – Pátio interno com plantas, 2025.

Fonte: elaboração própria.

Por conseguinte, a dimensão simbólica do cotidiano permite compreender como normas, costumes e representações sociais se projetam na arquitetura vernacular, evidenciando que os espaços construídos incorporam não apenas funções materiais, mas também significados, identidades e formas de relação. De fato, a experiência do espaço construído não se limita à percepção de seus elementos físicos, mas configura-se por meio de mapas mentais e imaginários compartilhados que orientam sua compreensão e organização (LYNCH, 2008) e contribuem para atribuir sentido ao espaço vivido (SILVA, 2006). Consequentemente, a imagem fotográfica não apenas representa o fato arquitetônico a partir de uma perspectiva individual, mas também participa da construção do imaginário coletivo que o envolve e ressignifica.

Em síntese, a arquitetura vernacular transcende sua dimensão funcional ao incorporar valores culturais e simbólicos. Nesse contexto, os gestos cotidianos coexistem com as adaptações tecnológicas impostas pela modernidade, configurando uma paisagem habitada em que permanência e mudança são continuamente negociadas. Nesse cenário, manifesta-se a inter-relação entre memória coletiva, identidade social, práticas cotidianas e dinâmicas da modernidade, refletida nos elementos exteriores e na disposição das habitações populares de Illescas.

Assim, as fachadas mostram como o local se entrelaça com o global e como as transformações cotidianas dialogam com processos culturais mais amplos, gerando novas formas de ressignificação do espaço construído. Surge, nesse contexto, a noção de *site specificity*, ou especificidade do lugar, que adquire nuances renovadas no âmbito da virada etnográfica (GUASCH, 2016). Nesse quadro, os significados de cada uma das quatro fotografias de autor dependem de sua posição local, entendida em termos geográficos e discursivos. Por isso, sua leitura é necessariamente situada, uma vez que cada ator, tanto o fotógrafo-criador quanto o observador, projeta sobre a imagem seu próprio sentido do espaço, filtrando as tensões do habitar por meio da experiência, da sensibilidade e da memória.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa destaca o valor da etnografia arquitetônica como metodologia privilegiada para abordar o fato arquitetônico a partir de uma perspectiva integral, que articula observação, representação e interpretação do ambiente construído. Essa abordagem permite compreender o espaço habitado como um fenômeno vivo, no qual práticas, memórias e significados se entrelaçam para conferir sentido à vida cotidiana. Nessa perspectiva, a arquitetura expressa identidades, negocia transformações e materializa modos de vida.

Nesse contexto, a fotografia de autor, mais do que um simples registro visual, constitui uma forma de pensamento capaz de interpretar, questionar e ressignificar o espaço arquitetônico. Ao ser integrada à etnografia arquitetônica como instrumento

de observação e análise, ela amplia o repertório metodológico do campo e evidencia seu potencial para produzir conhecimento situado sobre as relações entre arquitetura, cultura e experiência. A partir do olhar do pesquisador-fotógrafo, o ambiente revela-se como uma construção cultural na qual confluem passado e presente, local e global, funcionando como testemunho das tensões e dos equilíbrios que configuram a experiência contemporânea do habitar.

Por conseguinte, a fotografia, enquanto ferramenta etnográfica, permite captar essas tensões e traduzi-las em imagens que operam como dispositivos de reflexão crítica. As quatro fotografias apresentadas constituem, assim, documentos visuais que não apenas registram a aparência do fato arquitetônico, mas também evocam as narrativas invisíveis que o sustentam. Nesse sentido, a câmera atua como um instrumento sensível e expressivo que medeia a relação entre espaço e representação, estabelecendo um vínculo entre observador, lugar e comunidade.

A arquitetura popular se apresenta, desse modo, como um campo de interação entre funcionalidade, memória e simbolismo, incorporando valores culturais que se manifestam tanto nas práticas cotidianas quanto nas adaptações tecnológicas próprias da vida contemporânea. Esse panorama evidencia uma negociação contínua entre permanência e mudança, revelando a complexa articulação entre memória coletiva, identidade social e dinâmicas da modernidade. A fotografia, ao captar essas tensões, torna visíveis as múltiplas camadas de significado que articulam a dimensão material do espaço construído com a experiência vivida.

Em conjunto, a articulação entre a etnografia arquitetônica e a fotografia de autor oferece um quadro metodológico capaz de transcender os limites disciplinares e sustentar uma leitura complexa do espaço habitado. Dessa forma, o estudo do fato arquitetônico se redefine como uma prática que reconhece o espaço habitado como um tecido vivo, em constante transformação, no qual se inscreve a experiência humana em toda a sua riqueza e complexidade, aberta à interpretação situada de quem o observa e o habita.

Em conjunto, a articulação entre a etnografia arquitetônica e a fotografia de autor oferece um quadro metodológico capaz de transcender os limites disciplinares e sustentar uma leitura complexa do espaço habitado. Mais do que registrar formas construídas, as imagens desenvolvem um trabalho sensível e relacional que valoriza as maneiras pelas quais os habitantes experimentam, transformam e ressignificam o ambiente em que vivem. Dessa forma, o estudo do fato arquitetônico redefine-se como uma prática que reconhece o espaço construído como um tecido vivo, em constante transformação, no qual se inscreve a experiência humana em toda a sua riqueza e complexidade, recolocando o habitante e suas formas de habitar no centro da interpretação.

REFERÊNCIAS

ABÁSULO, José. El giro etnográfico en arquitectura. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación**, Buenos Aires, n. 213, p. 17-26, 2024. <https://doi.org/10.18682/cdc.vi213.10974>.

ÁLVAREZ, Eduardo; BLANCO, M. Victoria. Componer, habitar, subjetivar: aportes para la etnografía del habitar. **Bifurcaciones, Revista de Estudios Culturales Urbanos**, Santiago, n. 15, p. 1-12, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/5803597/Componer_habitar_subjetivar_Aportes_para_la_etnograf%C3%ADa_del_habitar. Acesso em: 18 abr. 2026.

AMERLINCK, M. José; BONTEMPO, Francisco J. **El entorno construido y la antropología: introducción a su estudio interdisciplinar**. Cidade do México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), 1994.

ASKLAND, Hedda H.; AWAD, Rula; CHAMBERS, John; CHAPMAN, Michael. Anthropological quests in architecture: pursuing the human subject. **International Journal of Architectural Research**, Doha, v. 8, n. 3, p. 284-295, 2014. <https://doi.org/10.26687/ARCHNET-IJAR.V8I3.424>.

AZÚA, Félix de. **Diccionario de las Artes**. Barcelona: Anagrama, 2002.

BACHELARD, Gaston. **La poética del espacio**. Tradução de Ernestina de Champourcin. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000.

BARTHES, Roland. **Lo obvio y lo obtuso: imágenes, gestos, voces**. Tradução de Cristina Fernández. Barcelona: Paidós, 1986.

BERGER, John. **Modos de ver**. Tradução de Justo G. Beramendi. Barcelona: Gustavo Gili, 2016.

CARERI, Francesco. **Pasear. Detenerse**. Tradução de Javier Ares. Barcelona: Gustavo Gili, 2014.

CERTEAU, Michel de. **La invención de lo cotidiano. 1. Artes de hacer**. Tradução de Alejandro Pescador. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2000.

CLIFFORD, James. **Dilemas de la cultura: antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna**. Tradução de Carlos Reynoso. Barcelona: Gedisa, 2001.

DELGADO, Manuel. **El animal público: hacia una antropología de los espacios urbanos**. Barcelona: Anagrama, 1999.

DURAND, Régis. **La experiencia fotográfica**. Oaxaca: Serieve, 2012.

GARCÍA, Antonio. **La transformación de la identidad local en la arquitectura de la comarca de La Sagra Baja Toledana**. Tese (Doutorado em Arquitetura) Universidad Politécnica de Madrid, Madrid, 2019.

GARCÍA, José L. **Antropología del territorio**. Madrid: Taller de Ediciones Josefina Betancor, 1976.

GERONTA, Andrea. Arquitectura y etnografía urbana: derivas entre lo familiar y lo ajeno de la cotidianidad. **Quaderns de l'Institut Català d'Antropologia**, Barcelona, v. 39, n. 1, p. 116-133, 2024. <https://doi.org/10.56247/qua.410>.

GONZÁLEZ, David; ALONSO, Pablo. Casas y cambio cultural: metodología interdisciplinar para el estudio del espacio construido en la España rural contemporánea. **Arqueología de la Arquitectura**, Madrid, n. 16, p. 1-18, 2019. <https://doi.org/10.3989/arq.arqt.2019.007>.

GRANADOS, Manuel. ¿Ocupar o habitar? Aproximación al fenómeno actual. **Arte, Individuo y Sociedad**, Madrid, v. 25, n. 3, p. 376-391, 2013. https://doi.org/10.5209/rev_ARIS.2013.v25.n3.39174.

GUASCH, Anna M. **El arte en la era de lo global. 1989-2015**. Madrid: Alianza, 2016.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. **Etnografía: métodos de investigación**. Tradução de Mikel Aramburu. Barcelona: Paidós, 1994.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Madrid: La Oficina Ediciones. 2015.

INGOLD, Tim. **Ambientes para la vida: conversaciones sobre humanidad, conocimiento y antropología**. Tradução de Silvana Villegas. Montevideu: Trilce Ediciones, 2012.

KAIJIMA, Momoyo; STALDER, Laurent; ISEKI, Yu; FERRARI, Silvia; ITO, Tsukamoto; KALPAKCI, Anna (ed.). **Architectural Ethnography**. Tóquio: TOTO Publishing, 2018.

KALPAKCI, Anna; KAIJIMA, Momoyo; STALDER, Laurent. Architekturethnografie: Einführung. **ARCH+**, Berlim, v. 52, n. 238, p. 3-18, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/44583928/ARCH_238_Architekturethnografie_Einf%C3%BChrung. Acesso em: 18 abr. 2026.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Tradução de Emilio Martínez. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

LÓPEZ, Franciso J. La contaminación visual o perceptiva en jardines históricos y en las fachadas y cubiertas de los monumentos declarados de interés cultural. **Cuadernos de los Amigos de los Museos de Osuna**, Osuna, n. 14, p. 98-103, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4212634>. Acesso em: 18 abril 2026.

LYNCH, Kevin. **La imagen de la ciudad**. Tradução de Enrique L. Revol. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

MAZUMDAR, Sanjoy. Design in multicultural societies: programming for culture, life and diversity. In: ASSOCIATION OF COLLEGIATE SCHOOLS OF ARCHITECTURE (ed.). **Proceedings of the 79th Annual Meeting of the Association of Collegiate Schools of Architecture**. Seattle: ACSA PRESS, 1991. p. 122-125.

MONTAÑEZ, Gustavo. Razón y pasión del espacio y el territorio. In: DELGADO, Ovidio (ed.). **Espacios y territorios: razón, pasión e imaginarios**. Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia, 2001. p. 15-32.

MORALES, Edgar A.; HERRERA, María C. **La contaminación visual y su impacto en los centros históricos**. Ibarra: Pontificia Universidad Católica del Ecuador, 2023.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture**. Nova York: Rizzoli, 1980.

PALLASMAA, Juhani. **Los ojos de la piel: la arquitectura de los sentidos**. Tradução de Moisés Puente. Barcelona: Gustavo Gili, 2022.

PALLEIRO-SÁNCHEZ, Pedro. El hecho arquitectónico: una aproximación etnográfica desde la fotografía. **Figuras, Revista Académica de Investigación**, Cidade do México, v. 7, n. 1, p. 8-27, 2025. <http://dx.doi.org/10.22201/fesa.26832917e.2025.7.1.457>.

PINK, Sarah. **Etnografía visual**. Tradução de Juan A. Roche. Madrid: Ediciones Morata, 2021.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana hacia una confrontación de las ciencias sociales con el diseño de la forma urbana**. Tradução de Josep Muntanola. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies: an introduction to researching with visual materials**. 4. ed. Londres: SAGE Publications, 2016.

ROSSI, Aldo. **La arquitectura de la ciudad**. Tradução de Josep M. Rovira. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

ROMO, Francisco. **Historia de Illescas**. Toledo: Diputación Provincial de Toledo, 1998.

SICA, Paolo. **La imagen de la ciudad: de Esparta a Las Vegas**. Tradução de Jorge Sainz. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.

SIGNORELLI, Amalia. **Antropología urbana**. Tradução de Carmen Romero. Barcelona: Anthropos, 1999.

SILVA, Armando. **Imaginario urbano**. 5. ed. Bogotá: Arango Editores, 2006.

SOJA, Edward W. **Thirdspace: journeys to Los Angeles and other read-and-imagined places**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1996.

STENDER, Marie Anne; BECH-DANIELSEN, Claus; LANDSVERK, Kjersti (ed.). **Architectural anthropology: exploring lived space**. Londres/Nova York: Routledge, 2021.

THOREAU, Henry D. **Caminar**. Tradução de Javier Alcoriza e Antonio Lastra. Madrid: Árdora Ediciones, 1998.

VELLINGA, Marcel; TOMASI, Jorge. Architecture. In: CANTAVE, Romy (ed.). **The Open Encyclopedia of Anthropology**. Londres: Open Encyclopedia of Anthropology, 2024. <http://doi.org/10.29164/24architecture>.

ZEVI, Bruno. **Saber ver la arquitectura**. Tradução de Cino Calcaprina e Jesús Bermejo Goday. Barcelona: Poseidón, 1981.